



diretor: JOAQUIM FERREIRA LEITE
10 de abril 2021



Audiência RIBEIRA GRANDE

www.audiencia.pt

PUBLICAÇÃO QUINZENAL 1€ IVA incluído ano VI - edição 142

Entrevista exclusiva

Páginas 8 e 9

Jovem de Rabo de Peixe é destaque nacional

Rúben Pacheco Correia

“A Cristina é a maior referência televisiva da minha geração”

“Tenho muito orgulho em quem sou, mas sobretudo donde venho”

**“Vou adulterar a célebre frase de Kennedy
“não me perguntam o que a Ribeira Grande e os Açores podem fazer por mim, mas o que posso fazer pela Ribeira Grande e pelos Açores”**

NEGÓCIOS & EMPRESAS



“Nana Coffee” 5 anos de “muito trabalho, qualidade e inovação, sempre focado no bom serviço”

APESAR DOS SEUS QUASE 80 ANOS!

“As duas heroínas da Ilha do Príncipe, a irmã Eufrosina e irmã Maria da Conceição, uma é do Nordeste e a outra é da Ribeira Grande”



Entrevista exclusiva a Frei Fernando Ventura, um frade capuchinho e “fazedor de pontes”

Os Óculos da Minha Avó



Alfredo da Ponte

A última vez que na igreja entrei foi em Dezembro de 2019, porque logo no início de 2020 souo o alarme de várias epidemias no globo terrestre, avisando que delas nasceria uma pandemia difícil de controlar. Mas ainda me lembro que, na missa, não era qualquer coisa que me faria olhar para trás. Vem isto a propósito de me terem dito ao ouvido, uns segundos antes do começo das cerimónias do Domingo de Ramos daquele ano, que minha filha estava entrando na igreja, acompanhada pelo marido e pelas suas duas meninas, e que, a mais velha quis uma palma, a outra também, e por isso começou a chorar, não tendo a mãe outro remédio senão fazer a vontade às duas. Graças a Deus, aqui ninguém faz um bicho de sete cabeças por se dar um ramo a uma criança.

Sem olhar para trás, por conhecer muito bem os quatro indivíduos, presenciei toda esta cena, recordando ao mesmo tempo uma outra, distanciada em pouco mais de meio século. Eis o resumo da "estória" que marcou a idade dos meus cinco anos:

Era aquele domingo da celebração da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém; e na Ribeira Grande fazia-se a Procissão dos Ramos da igreja da Misericórdia para a Matriz, à tardinha. Minha avó, aquela chata que foi casada com um polícia, entendeu que me havia de levar consigo para lhe fazer companhia. Porque mulher de respeito nunca andava sozinha pelas ruas, ou por onde quer que fosse. Assim foi. Não tive outro remédio. Aliás, era um privilégio poder sair de casa, e se refilasse os adultos podiam mudar de ideias.

A Igreja da Misericórdia, também conhecida por do Espírito Santo e dos Passos estava inundada de gente, que ali se concentrou para se incorporar na procissão. Dentro do templo, passando o guarda-vento, no chão havia sido deitado um molhe de ramos de palmeira. Mas por termos chegado em cima da hora os ramos inteiros já escasseavam, e o sacristão controlava a quantidade, dizendo que ramos inteiros eram só para os adultos e pessoas com tarelo, e que dessem às crianças os galhos partidos ou as folhas. Eu não quis saber de "estórias" porque tinha acabado de ver uma rapariga da minha ida-

de com um lindo ramo na mão. Minha avó pegou num lindo ramo para si, e do chão apanhou três ou quatro folhas para colocar-me nas mãos. Eu disse-lhe que não queria aquilo, mas sim o ramo, sugerindo-lhe que ela levasse as folhas e me deixasse transportar o seu. Repreendeu-me, e teimou para que eu pegasse nas folhas. Peguei nelas, atirei-as ao chão e pulei em cima delas, aos gritos, manifestando o meu descontentamento contra aquele acto de discriminação. Imagino, agora, o pensar daquela gente que presenciou a minha fúria: rapaz mal-criado; se fosse meu filho...; etc, etc. Sabe-se dizer que, com o vexame que a avó passou com esta cena apercebeu-se que tinha perdido a batalha. Colocou-me o ramo na mão, com um sorriso fingido, e com tanta raiva por detrás dele, e contentou-se com as folhas. Incorporámo-nos na procissão e nela andámos para a Matriz, entre cânticos de Glória e Louvor ao Senhor, nosso Deus. Recolhida a procissão na Matriz seguiu-se a longa missa, com as leituras da Paixão e sermão especial, pelo que nos demorámos a chegar a casa, fazendo-me pensar que aquela cena da Misericórdia estaria esquecida. Enganei-me! A velha não se esqueceu. Chegando a casa foi pancadaria por todos os lados!... Levei um grande "ensaio", como se dizia. Afinal, o que foi a velha fazer para a igreja? Eu, que era criança, ouvi muito bem o sr. Padre dizer que devemos perdoar e esquecer todo o mal que nos fazem. Ainda por cima: o mandamento novo de Jesus: "amai-vos uns aos outros". Credo, meu Deus, isto não entrou na cabeça da velha?!

Agora penso: Se este caso se tivesse passado comigo, e eu sendo o avô nesta história, nem pensava duas vezes. As minhas netas teriam os ramos e eu levaria as folhas, sem problema nenhum. Se só houvesse um ramo, no caso de ter comigo as duas netas, daquele faria dois. Ou então, nós todos três levaríamos folhas. Um caso simples, humilde e carinhoso.

Dos vivos eu era o terceiro neto mais velho, e aquele de quem ela não gostava; ou, pelo menos, nunca demonstrou uma pinta de gosto. Derretia-se pelos outros dois. Por eu lhe pagar com a mesma moeda era classificado como a ovelha negra da família. Pior do que isso: uma vez, indo ela se sentar à mesa, cansada de fazer não sei o quê, puchei-lhe a cadeira por um fio de barbante, que antes lhe havia atado a uma das pernas; a velha caiu, batendo com a cabeça no chão e ganhando um galo para a festa. Outra vez, tanta porrada; e foi aconselhar minha mãe a levar-me ao curandeiro, ou a procurar um exorcista, porque eu tinha o diabo comigo.

Estas são algumas das muitas memórias que tenho da mãe do meu pai. Destas e das dezenas que aqui não cabem não tenho

uma que seja digna de louvor. Mas cedo reconheci que Dona Rosa Hermínia era uma mulher culta. Muito culta para a sua época: Sabia ler e escrever muito bem, bem melhor do que gente classificada; tinha o dom de palavra para se meter com quem quer que fosse; e possuía pouco mais de uma dezena de livros, que de entre os quais destaco um exemplar da primeira edição (1746) de "A Vida do Padre António Vieira", obra do padre jesuíta André de Barros (1675-1754), dedicada ao Infante Dom António Francisco de Bragança (1695-1757). Para as suas leituras usava uns óculos de oiro, muito finos, que vieram da América no decorrer da década de 1920, dentro de uma saca de roupa, oferta de familiares emigrados. Ficavam-lhe muito bem, tanto que, quando os punha em cima do nariz, para ler, ou distinguir coisas ao perto, parecia uma filósofa, ou gente de alto nível. Com eles na cara o seu rosto impunha mais respeito do que o habitual.

Morreu a velha sem atingir os setenta, uns dois anos depois da história dos ramos, da igreja da Misericórdia. Das suas pertenças mais íntimas foram conservados os livros num canto especial da nossa casa, e guardados os óculos numa gaveta da cómoda do quarto dos meus pais, com outros objectos dignos de conservação. Uns anos mais tarde, enquanto frequentava a escola secundária, acabei por descobrir o seu paradeiro, e não achei mal nenhum tirá-los de lá, sem ninguém saber, claro! Levei-os para a escola, e fui para as aulas com eles em cima do nariz, desnivelados dos olhos, de maneira que se pudesse ver sem os usar. A rapaziada achava graça e não parava de rir. Ainda por cima, de vez em quando se fazia alguma careta cómica, que dobrava as gargalhadas do pessoal. Os professores ao pedirem para parar a brincadeira, fazia-lhes a vontade e tirava-os da cara. Só não fiz a vontade ao professor de Francês porque eu conhecia a língua melhor do que ele, e naquela matéria toda a gente me respeitava.

Por isso, monsieur José Manuel Carvalho irritou-se, e enchendo-se de violência dirigiu-se a mim e me arrancou os óculos da cara, jogando-os pela janela fóra. Dois ou três palavrões, já tinha idade para isso, e tão bem sabia dizê-los, e lá saí correndo daquela sala do segundo andar para a Rua Sousa e Silva, a apanhar os óculos, antes que alguém pegasse neles. Mesmo da porta, no momento em que os avistei no meio da rua, passou por cima deles um camião. Ficaram escangalhados ou torcidos, mas ainda assim uma lente escapou. Mais tarde, em casa, endireitei-os o mais que pude, mas nunca mais foram os mesmos. Não voltaram à tal gaveta da cómoda dos meus pais, e foram dados como desaparecidos. Porém, passaram a ficar mais seguros do que antes, porque foram escondidos na ga-

veta da mesa que me servia de secretária, no meu quarto, entre livros, cadernos e papéis à solta. Num certo dia, necessitando de uns escassos centímetros de verga doirada, fui buscá-los e cortei-lhe um pedacinho da haste direita. Voltei a colocá-los no mesmo sítio e nunca mais fiz caso deles.

Chegou o tempo de vir para a América. Quando se vai para a América não se precisa de nada, porque a América tem tudo. É assim que se pensa quando não se conhece as realidades. Ao escolher das minhas pertenças aquilo que deveria ou não trazer, mirei novamente os óculos, e olhei para o livro de 1746, que eu também desvalorizei ao tentar reencardê-lo, naquelas alturas em que a gente não pensava direito. Decidi que as duas coisas ficariam atrás, e fui entregá-las à minha irmã mais velha, com quem eu tinha a certeza de que elas bem cuidadas seriam. Vinte anos mais tarde, estando de férias em São Miguel, contei-lhe a estante de minha irmã, em sua casa, e dela tirei o livro do Padre António Vieira. Ao reparar neste movimento, ela despregou-se com esta: "É teu. Leva-o contigo." Não pensei duas vezes. Em 2010 minha irmã me veio visitar e, num belo dia, sentados à mesa, em conversa sobre os nossos antepassados ela falou que tinha, com muita estimação, os óculos da nossa avó, que para ela era um anjo e para mim um demónio. Contei-lhe, então, a história inédita dos óculos. Ficou-lhe o bichinho na cabeça. Dois meses depois de ter regressado à Ribeira Grande, aproveitando a passagem pelos Açores de um dos meus cunhados, como portador, mandou-me por lembrança os óculos da minha avó. Sim, eles vieram parar à sua terra de origem quase cem anos depois. Uma relíquia familiar guardada em lugar seguro, na minha casa. Mais dez passaram, e a meados do primeiro ano da pandemia eu resolvi dar-lhes vida. Consultei um ourives, ajustámos preço, e mandei-os restaurar. Em Março do ano seguinte, o segundo da pandemia, decidi colocar-lhe duas lentes com a graduação apropriada para as minhas leituras e escrituras. Agora uso-os frequentemente, e estão muito bem cuidados. Em minha posse mas não são meus. Nunca serão meus. Hão-de ser sempre, toda a vida e mais seis meses, os óculos da minha avó!

A senhora minha avó
Do milho já fez farinha
Mas nunca limpou o pó
À ruindade que tinha

Os seus óculos dourados
Dão vista aos olhos cansados,
Trazem luz à escuridão.
Quando os uso para ler
Sinto mais forte bater
O ritmo do coração.

Fall River

ATA garante voos Lufthansa para os Açores

A Associação de Turismo dos Açores, ATA, anunciou que a companhia aérea Lufthansa vai realizar voos, ao domingo, para os Açores a partir de maio.

Por Rita Peres

A partir de 23 de maio, aos domingos, a Lufthansa irá realizar voos entre os aeroportos de Frankfurt am Main e de Ponta Delgada, num total de 22 frequências. Esta é uma iniciativa da Associação de Turismo dos Açores, ATA, em parceria com o Turismo de Portugal, a ANA Aeroportos de Portugal e o Governo dos Açores no desenvolvimento e consolidação das acessibilidades aéreas ao arquipélago.

A ligação será feita pelo Airbus A320-NEO que, com os seus 180 lugares, "terá capacidade de transportar 3.960 passageiros para a região nesta operação sazonal de Verão". Esta ação resulta de uma forte aposta da ATA no mercado alemão - principal mercado internacional emissor de turistas para a Região Autónoma dos Açores, com um número de dormidas de cerca de 360.000, em 2019. A ATA lançou um concurso público para a realização de ações de promoção no mercado da Alemanha, em parceira com operadores tu-



rísticos relevantes, no valor de cerca de meio milhão de euros, com o intuito de estimular a procura turística no mercado e consolidar as restantes operações aéreas já em curso. Esta operação, baseada numa estratégia multi-mercado, tem o objetivo de aumentar a notoriedade do destino no mercado alemão e capitalizar a força de vendas atual de cada operador turístico. Uma vez que, esta iniciativa vem aumentar a oferta na rota já existente e operada pela Azores Airlines para o importante mercado emissor alemão, o Governo dos Açores considera que esta ligação "vem demonstrar a atratividade do destino, apesar da atual conjuntura pandémica, reforçando assim a ideia além-fronteiras de os Açores serem considerados um destino seguro".

Pretendendo seguir uma "escolha de destinos não massificados, de natureza, mais sustentáveis e que proporcionem experiências únicas", o Governo açoriano acredita que o posicionamento turístico do arquipélago está totalmente alinhado com este segmento de procura turística. Apesar da pandemia da Covid-19, o executivo vê este início de retoma com prudência, a qual será avaliada periodicamente, conforme a evolução da pandemia no destino e nos mercados emissores.

DESPORTO

Tomada de posse do Conselho Açoriano para o Desporto de Alto Rendimento

No passado dia 18 de março, o Secretário Regional da Saúde e Desporto, Clélio Meneses, deu posse ao novo Conselho Açoriano para o Desporto de Alto Rendimento (CADAR), no Solar dos Remédios, em Angra do Heroísmo.

Este é o órgão consultivo da administração regional em matéria de desporto de alto rendimento, cuja composição, competências e funcionamento são definidas pelo Decreto Legislativo Regional n.º 21/2009/A, na sua atual redação.

Segundo o artigo 46.º, compete ao CADAR coordenar os apoios a conceder aos atletas integrados no estatuto nacional de alto rendimento e aos jovens talentos regionais, nomeadamente, definir

as condições de acesso aos apoios e às bolsas académicas para o desporto de alto rendimento e definir também, para cada modalidade, os critérios para a atribuição do estatuto de jovem talento regional.

Com a tomada de posse do atual Governo Regional dos Açores, passa a integrar o CADAR, Luís Carlos Couto, Diretor Regional do Desporto e presidente do mesmo. Pedro Resendes (Pauleta) e Maria de Lurdes Carvalho são os dois elementos nomeados pelo Secretário Regional da Saúde e Desporto, membro do Governo Regional competente na matéria desportiva e com a capacidade de nomear personalidades de reconhe-



cido mérito desportivo. João Calos Tristão Ávila e Hélio Dinis Aguiar Ormonde, integram também o CADAR na qualidade de representan-

tes da Direção Regional do Desporto, e, ainda, Lúcia de Lurdes Oliveira Tavares Santos que representará a Direção Regional da Educação. RP

Café Com Sopas
Snack - Bar

Seg-Sáb: 7:00 – 22:00
Dom: 8:00 – 21:00

Rua Gonçalo Bezerra, nº 1/3
9600-559 Matriz - Ribeira Grande
Telf.: 296 472 015 Telem.: 916 615 114

Pequeno-almoço, Brunch, Hambúrgueres, Diners, Comida rápida, Cachorros quentes e Sanduíches

PICO DA PEDRA

Câmara da Ribeira Grande investe 700 mil euros em novo reservatório de água

O novo reservatório de água, na freguesia do Pico da Pedra, conta com um investimento da Câmara da Ribeira Grande no valor de cerca de 700 mil euros. Esta obra irá possibilitar o armazenamento de um milhão de litros de água.

Por Rita Peres

Alexandre Gaudêncio, presidente da Câmara da Ribeira Grande, visitou a obra de construção do novo reservatório de água na freguesia do Pico da Pedra e, explica que, "este reservatório vai dar resposta às situações de falta de água que ao longo do verão se verificavam nas freguesias das Calhetas e Pico da Pedra". "É um investimento superior a 700 mil euros que vai proporcionar uma melhor distribuição da água nos períodos de maior seca".

O presidente, recordou também o investimento que a autarquia tem feito no que toca ao reforço do abaste-



cimento de água à população. "Já investimos, desde 2017, cerca de três milhões de euros no reforço do abastecimento de água à população, sendo que no presente mandato é de realçar também o investimento realizado na adutora do Porto Formoso/Maia."

Além disso, a autarquia tem desenvolvido outros projetos neste âmbito, como as "obras de saneamento básico que têm permitido melhorar o abastecimento de água ou a instalação dos contadores inteligentes que permitem detetar consumos acima da média e alertar os consumidores para tal".

Alexandre Gaudêncio salientou que "o investimento nesta área é fundamental para o futuro visto que o concelho está a crescer no número de famílias que escolhem a Ribeira Grande para viver, bem como o crescimento verificado ao nível do turismo e indústria". O presidente da Câmara da Ribeira Grande, acompanhou os trabalhos juntamente com o vice-presidente, Carlos Anselmo, assinalando desta forma o Dia Mundial da Água.

FENAIOS DA AJUDA

Autarquia investe em obra de saneamento básico

O presidente da Câmara da Ribeira Grande, Alexandre Gaudêncio, visitou algumas obras em curso na freguesia dos Fenais da Ajuda, em particular a empreitada de saneamento básico na rua Nossa Senhora da Ajuda que "completa todo o trabalho desenvolvido nos últimos anos naquela freguesia ao nível do saneamento básico".

Alexandre Gaudêncio destacou que "o investimento vai permitir encerrar um ciclo de obras nesta área naquela localidade, aumentando assim a qualidade de vida das pessoas que residem numa das freguesias mais a nascente do concelho." Acompanhado pelo vice-presidente, Carlos Anselmo, e pelo

presidente da Junta de Freguesia dos Fenais da Ajuda, Rodrigo Pacheco, o autarca acrescentou que a intervenção também "contempla a requalificação da via pública", sendo que todo o trabalho está a ser desenvolvido com recurso a mão-de-obra da autarquia.

Além desta empreitada, decorrem as obras na zona envolvente ao polidesportivo, nomeadamente a construção do parque de estacionamento e criação de zonas verdes e, durante a visita, Alexandre Gaudêncio tornou pública a intenção da Câmara em "avançar com a requalificação da antiga fábrica da chicória", sendo que o projeto deverá ser apresentado ainda este mês. JV



RETROSARIA ARTESANATO/TECIDOS, ETC

Filomena Tavares P. Cunha, S. U. Lda.

Contribuinte N.º 512 081 468

Rua Nossa Senhora da Conceição, n.º 102
9600-568 Ribeira Grande
Tel.: 296 472 365 - Tlm.: 963 911 667



PRÉMIO DO LISBON AWARDS GROUP

Ribeira Grande vence prémio “Autarquia do ano”

O município da Ribeira Grande foi distinguido com o prémio “Autarquia do ano” com a obra do parque canino, na freguesia da Ribeirinha. Alexandre Gaudêncio, presidente da Câmara, afirma que o prémio “é bastante simbólico porque reconhece o papel da autarquia ao nível da requalificação dos espaços verdes que se encontravam degradados, dotando-os de melhores condições.”

Por Joana Vasconcelos

A Câmara da Ribeira Grande conquistou o prémio “Autarquia do ano” na modalidade “Urbanismo e espaços verdes” com a obra do parque canino da Ribeira Grande, localizado na freguesia da Ribeirinha e inaugurado em dezembro de 2020.

O prémio, atribuído pelo Lisbon Awards

Group, pretende homenagear os municípios e freguesias que se destacam pelas suas práticas inovadoras e de gestão rigorosa do interesse público. A Câmara da Ribeira Grande concorreu pela primeira vez a este prémio, tendo sido reconhecida com o primeiro lugar a obra que oferece um espaço único no concelho para os cães.

O parque canino da Ribeira Grande foi construído junto ao antigo campo de jogos da Ribeirinha. A infraestrutura, com cerca de 2000 m², oferece vários equipamentos para os canídeos, está protegida por vedação e entre os equipamentos instalados destaca-se a caixa de segurança e a caixa sanitária, bem como diversos elementos recreativos como escadas, barreiras de salto ou túneis para que os cães possam brincar livremente.

O espaço também está dotado de uma área coberta e junto à parede poente foram plantadas cerca de meia cen-



tena de árvores que proporcionarão sombra. O parque canino conta ainda com um bebedouro de enchimento automático e dispensador de sacos para recolha dos dejetos.

Para Alexandre Gaudêncio, presidente da Câmara da Ribeira Grande, este prémio “é bastante simbólico porque reconhece o papel da autarquia ao ní-

vel da requalificação dos espaços verdes que se encontravam degradados, dotando-os de melhores condições.” No em caso em particular do parque canino da Ribeira Grande, o autarca acrescentou que o prémio “também reconhece toda a preocupação colocada em prática por este executivo na defesa e bem-estar dos animais.”

NEGÓCIOS & EMPRESAS

Empresas da Ribeira Grande contam com novos apoios

O presidente da Câmara da Ribeira Grande, Alexandre Gaudêncio, anunciou novos apoios às empresas do concelho.

Por Rita Peres

Alexandre Gaudêncio anunciou que está prevista a abertura de um novo período de candidaturas de apoio a fundo perdido durante o próximo mês de maio. Este apoio visa colmatar as perdas verificadas devido à pandemia e segundo o próprio, “poderão candidatar-se os estabelecimentos comerciais com sede no concelho.” Esta decisão foi tornada pública, pelo autarca, durante a entrega dos prémios relativos ao concurso de montras de 2020.

O presidente deixou ainda uma mensagem de esperança aos empresários, onde referiu que “perspetiva-se uma retoma na economia, ainda no corrente ano, mas sempre dependente do evoluir da pandemia no concelho.”

A Câmara da Ribeira Grande já investiu aproximadamente 210 mil euros em campanhas de consumo no comércio e restauração. Até ao final



de abril, encontra-se em vigor a campanha “Sabores locais à mesa”, uma iniciativa que contempla um desconto de 25% nas refeições adquiridas nos restaurantes aderentes, permitindo a entrega gratuita ao domicílio através de uma parceria com a Associação de Táxis de São Miguel.

Alexandre Gaudêncio salientou, ainda, que o programa Selo Covid-Free, “tem permitido realizar várias campanhas de testagem gratuita aos funcionários dos estabelecimentos que aderiram à iniciativa, permitindo desta forma despistar possíveis casos de infecção pelo novo coronavírus.”

O presidente da Câmara da Ribeira Grande, visitou os três estabeleci-



mentos vencedores do concurso de montras, acompanhado pelo vereador da Cultura, Filipe Jorge e pelo Presidente da Câmara do Comércio e In-

dústria de Ponta Delgada, Mário Fortuna. Os vencedores foram O atelier Didamary, a loja Arco Íris e o atelier Toque de Magia.

Nana Coffee celebra cinco anos de existência

Abriu as portas há cinco anos e o AUDIÊNCIA Ribeira Grande esteve lá. Passada meia década, o AUDIÊNCIA voltou para saber como estava a correr o negócio e quais as novidades que os clientes podem esperar.

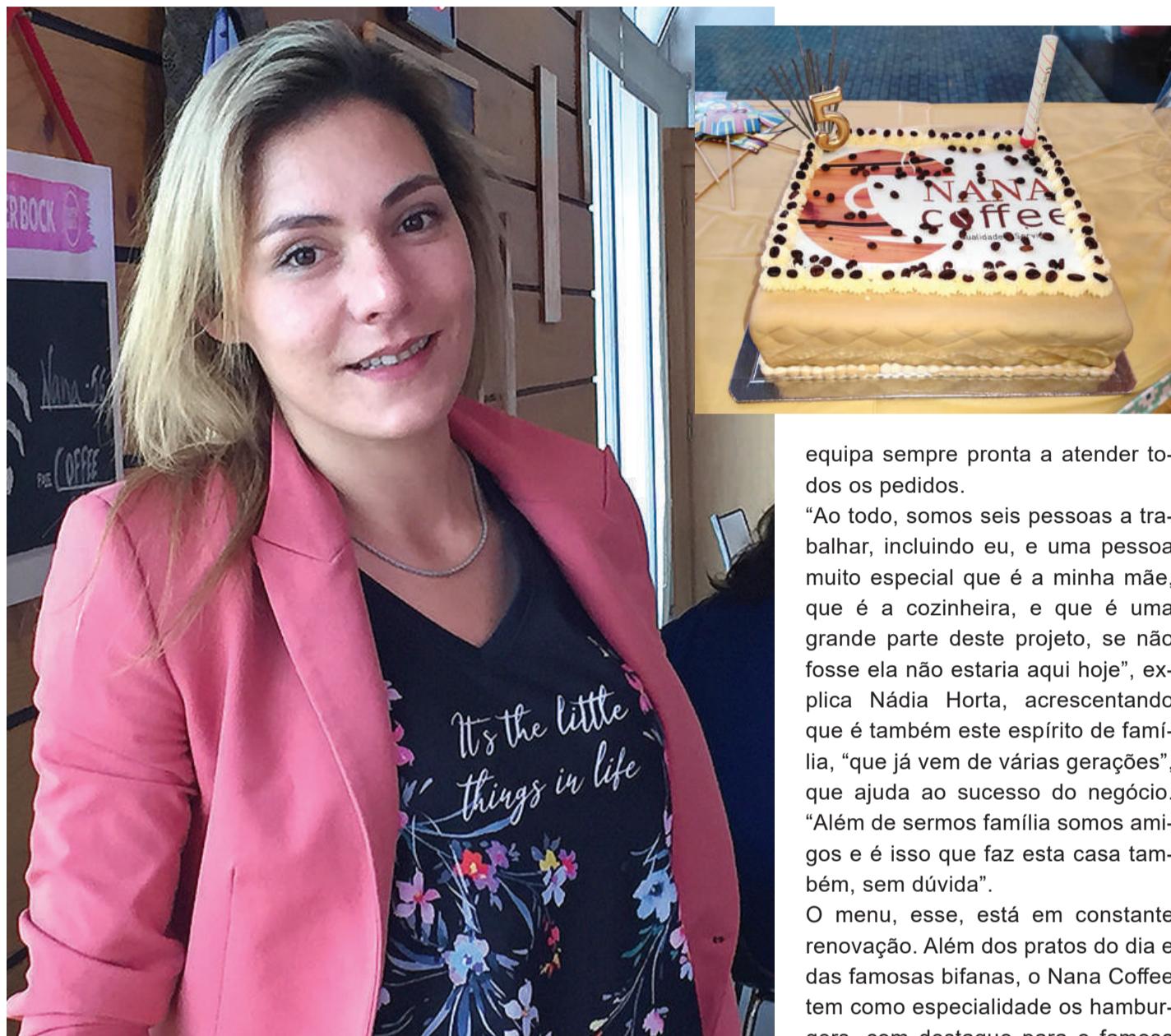
Por Joana Vasconcelos

Situado junto à Praça do Emigrante, e em frente ao novo Hotel Monteverde & Spa, o Nana Coffee celebrou o seu 5º aniversário num ano atípico, mas que não derrubou uma estrutura bem montada e que continua a ser um sucesso.

Nádia Horta, criadora deste projeto, admite que o sucesso se deve a "muito trabalho, qualidade e inovação, sempre focado no bom serviço" e que não esperava alcançar o patamar em que já está.

"Está a ir além do que perspetivei, agora por causa da Covid-19 claro que deu um passo atrás, mas devagarinho, com calma, havemos de chegar lá", assegura.

Com clientes de todas as idades, e famílias inteiras a procurar o espaço, o Nana Coffee disponibiliza a quem o visita uma esplanada extraordinária, com uma vista quase única com o mar pela frente e uma



equipa sempre pronta a atender todos os pedidos.

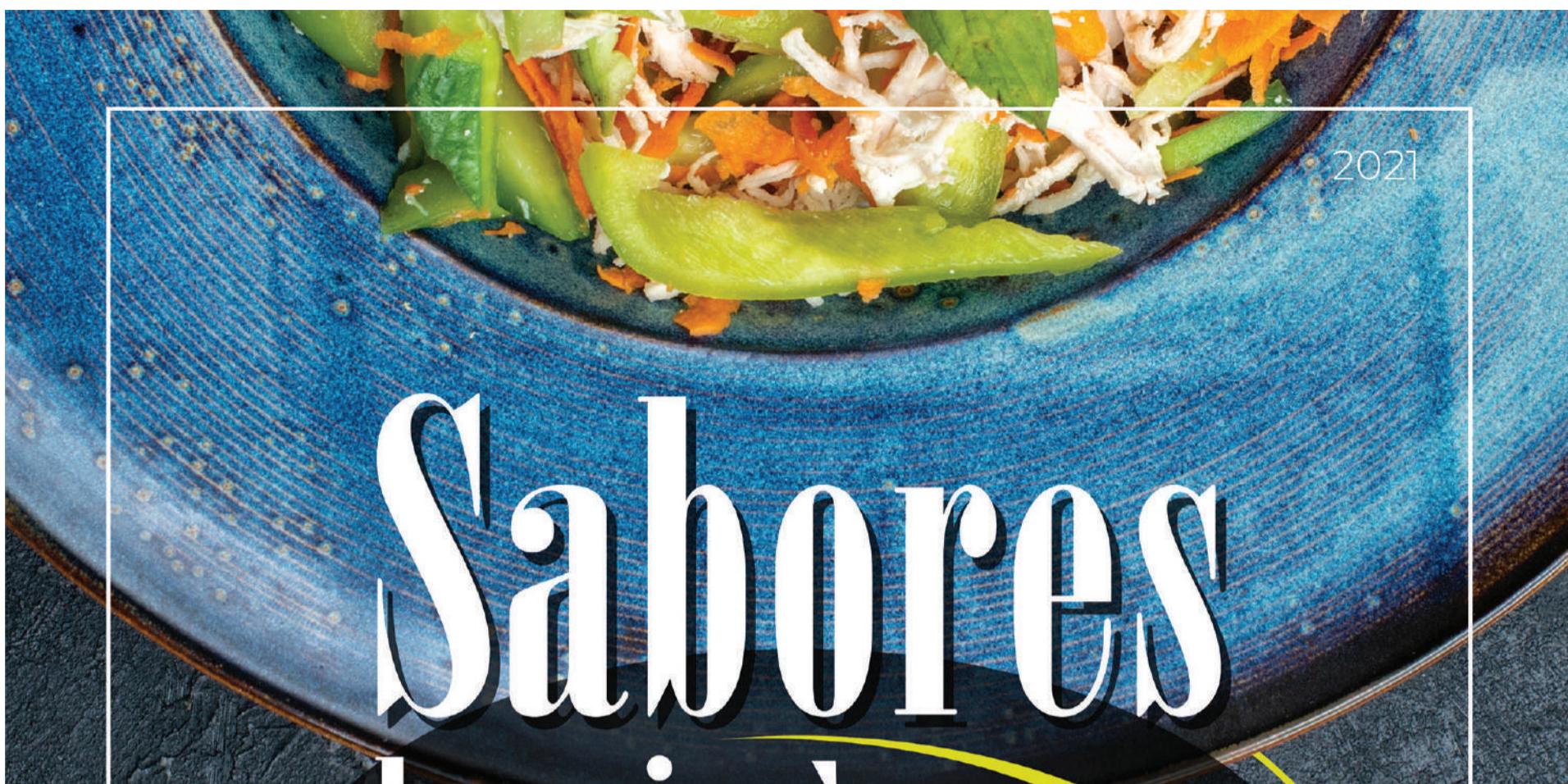
"Ao todo, somos seis pessoas a trabalhar, incluindo eu, e uma pessoa muito especial que é a minha mãe, que é a cozinheira, e que é uma grande parte deste projeto, se não fosse ela não estaria aqui hoje", explica Nádia Horta, acrescentando que é também este espírito de família, "que já vem de várias gerações", que ajuda ao sucesso do negócio. "Além de sermos família somos amigos e é isso que faz esta casa também, sem dúvida".

O menu, esse, está em constante renovação. Além dos pratos do dia e das famosas bifanas, o Nana Coffee tem como especialidade os hambúrgers, com destaque para o famoso Cheeseburger, embora a aposte agora passe por ter uma maior oferta de hambúrgers de frango. Mas há também uma surpresa escondida, o Menu Audiência, com pão feito na hora, e recheio de bacon, ovo, queijo e bastante piripiri, "porque Gaia parece que tem um apetite mais para o picante", explica Nádia Horta.

Apesar de a pandemia ter atrasado um pouco o crescimento do negócio, Nádia Horta está confiante que o verão vai ser melhor este ano e admite que os seus desejos para um futuro breve são bastante simples. "Ter saúde, continuar a inovar e abrir outro estabelecimento em Ponta Delgada, porque tem mais turismo, enquanto aqui na Ribeira Grande só agora está a crescer".

Deixando um convite a todos os distinguidos e convidados da Gala AUDIÊNCIA a visitarem o local e provarem as iguarias, Nádia Horta não esquece os seus clientes fiéis desde há cinco anos. "Continuem a vir cá, sabem que são sempre bem recebidos e atendidos, as portas estão sempre abertas. Há cinco anos que temos os nossos clientes fixos da Ribeira Grande e sem eles não estava aqui hoje", assegura.





Sabores locais à mesa

01 MAR
a 30 ABR

Mais informações:
<http://ccipd.pt>

25%
DESCONTO

Take-away
Restaurante
Entregas ao domicílio
(transporte gratuito)

RIBEIRA GRANDE

RIBEIRA GRANDE | CÂMARA MUNICIPAL | CONSELHO MUNICIPAL | CONSELHO MUNICIPAL | ASSOCIAÇÃO DE TÁXIS DE PONTA DELGADA

Rúben Pacheco Correia nasceu em **Rabo de Peixe**, na Ilha de São Miguel, em 1997. Autor publicado desde os 14 anos, conta já com cinco obras editadas. Neto e filho de chefes de cozinha, abriu o primeiro negócio aos 18 anos, o Botequim Açoriano. É crítico gastronómico e tornou-se presença regular nas manhãs da SIC pela mão de Cristina Ferreira, que, recentemente, o convidou para a TVI. Em entrevista exclusiva ao AUDIÊNCIA, Rúben Pacheco Correia falou sobre a relevância da sua presença na televisão nacional, sobre as participações semanais no programa **Cristina ComVida** e sobre o que faz, todos os dias, por **Rabo de Peixe**, pela **Ribeira Grande** e pelos **Açores**.

Por Tânia Durães

O que o motivou a aceitar o convite de Cristina Ferreira e a mudar-se da SIC, para a TVI?

A Cristina Ferreira foi a primeira pessoa a acreditar e apostar em mim em termos televisivos. A Cristina é a maior referência televisiva da minha geração. Não vai haver outra, como não haverá outro Ronaldo. São dois astros, cada um na sua área. E, portanto, quem é que não quer trabalhar com o Ronaldo? Quem não quer trabalhar com a Cristina? Senti que a Cristina queria muito que eu voltasse a estar com ela e segui o meu instinto. Aceitei, sem sequer saber se ia ganhar mais ou se ia ganhar menos. Aceitei, porque acredito na Cristina, porque admiro-a e porque tenho por ela a maior estima e gratidão por me ter colocado na televisão. Mas, antes de aceitar, comuniquei a quem tinha que comunicar e senti que não era tão desejado ali, como estava a ser para a Cristina e para a TVI. Portanto, a minha decisão só ficou fortalecida e a minha consciência tranquila, no sentido de ter percebido que podia sair, sem que a minha ausência se notasse ou entristecesse alguém.

Como descreve a sua passagem pela SIC, canal onde começou, também, ao lado de Cristina Ferreira?

Fui muito feliz na SIC. E estou grato por tudo! A SIC e a equipa da Casa Feliz foram incríveis comigo. Senti-me acarinhado durante muito tempo. A Diana Chaves é uma mulher incrível, adoro-a. É boa pessoa mesmo. Há pessoas na equipa, desde o porteiro até à produtora, que me trataram de uma forma que nunca terei palavras suficientes para agradecer. Levo-as comigo no coração, para sempre. E

“Quem nasce na Ilha, tem tatuada a Ilha no coração. E eu tenho muito orgulho nas minhas raízes”

Rúben Pacheco Correia: o novo príncipe da TVI



sinto que deixei um pouco de mim nestas pessoas também.

Como caracteriza estes primeiros dias na nova estação?

Ainda estou a conhecer os cantos à casa. Mas tenho sido muito bem recebido. Tratam-me como se eu fosse da família. E isto é muito importante para mim.

Esta sua mudança tem feito correr muita tinta na comunicação social. Qual é o seu olhar sobre as notícias que têm sido publicadas e as duras críticas de que tem sido alvo?

As pessoas nem sempre entendem as mudanças. Diz o nosso povo que “quem muda, Deus ajuda”. Acredito muito nisto. Mas, é normal que o público fiel das manhãs da SIC, que se habitou a ver-me todas as semanas na Casa Feliz, durante mais de um ano, tenha sido surpreendido com a minha decisão. Compreendo. Contudo, muitas pessoas não entendem isso. Olham para os canais como se fossem clubes de futebol. Não o são, são empresas. E mudar faz parte, faz parte do crescimento individual e coletivo dos colaboradores e das instituições. Porém, há críticas e críticas. E, de facto, é com muita tristeza que leio algumas demonstrações, até de ódio, dirigidas a mim, quando não faz sentido nenhum. Eu não traí ninguém, não me vendi. Segui o meu instinto e segui um caminho diferente. Todos nós já mudamos na vida. O próprio João Baião já mudou de canal duas vezes, o Goucha já mudou, a Cristina, enfim, a maior parte das pessoas que fazem televisão em Portugal já mudaram de canal, já mudaram de empresas e isto não pode ser visto como uma traição. Faz parte.

Eu tomei conhecimento de que assinou um contrato de um ano com a TVI. Pode desvendar-me o que o futuro lhe reserva? O que é que vai acontecer nos próximos tempos?

Vamos ter que aguardar. Por enquanto, podemos contar com a minha participação semanal no programa Cristina ComVida e terei incursões em diferentes programas da TVI. E, com o tempo, veremos o que os telespectadores querem que eu faça mais. O caminho faz-se caminhando, como escreveu Agostinho da Silva. Acredito que esta evolução e este crescimento, naturalmente, acontecerá. Estou preparado para sair a qualquer momen-



to da televisão, sem ressentimentos, sobretudo porque a minha vida não é apenas isto. Mas, também sinto que estou pronto para desafios diferentes. Veremos o que o futuro nos reserva.

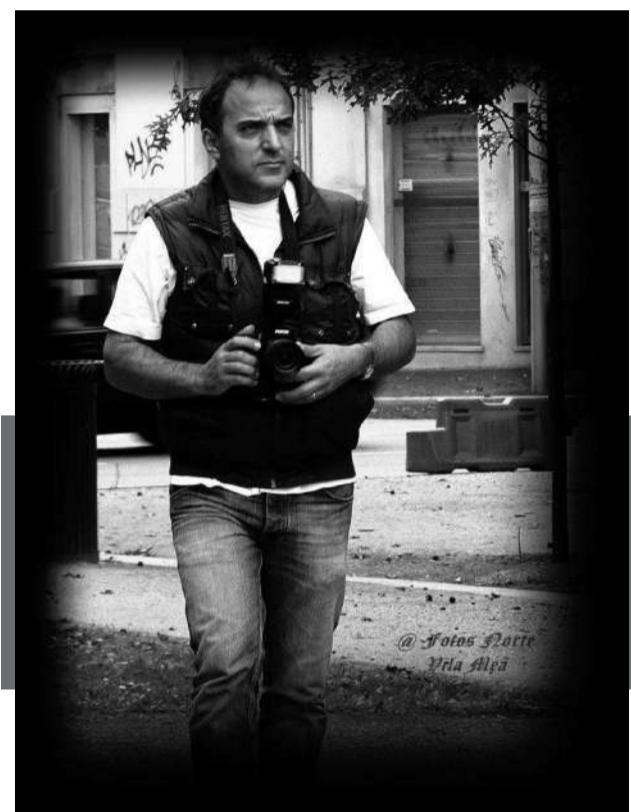
Como rabopeixense, acredita que a sua visibilidade e o papel que desempenha, também, é importante para a população de Rabo de Peixe? De que forma?

Como deve imaginar, eu não represento Rabo de Peixe. No máximo, sou o representante de mim mesmo. Contudo, tenho em mim um pouco do balsalito negro que tanto nos caracteriza. Brillat-Savarin um dia perguntou, de forma retórica, num dos seus livros: "diz-me o que comes, dir-te-ei quem és". A gastronomia, a pronúncia, a cultura são o cartão de identidade de cada um dos povos. E, apesar de não me considerar representante dos Açores, sinto que tudo aquilo que faço, penso e digo é, claramente, influenciado pela minha raiz. Quem nasce na Ilha, tem tatuada a Ilha no coração. E eu tenho muito orgulho nas minhas raízes. Tenho muito orgulho em quem sou, mas sobretudo donde venho. De Rabo de Peixe. Quando falo na minha terra, não tenho a pretensão de representar ninguém. Nem legitimidade! Falo numa perspetiva de dizer quem sou e como me moldou a minha terra. Falo de Rabo de Peixe e dos Açores que tenho em mim, que sinto e que sou. Não obstante, acredito que é importante para a Vila ter um rabopeixense que aparece todas as semanas na televisão nacional por bons motivos. Um rabopeixense que se orgulha da sua terra, que dignifica a sua terra e que projeta a Vila, num sentido dife-

rente dos sensacionalismos mediáticos, que a comunicação social nacional tem muito por hábito adotar.

O Rúben é o rabopeixense/ribeiragrandense com maior dimensão em termos de comunicação social nacional. Temos visto a Câmara atribuir diversos votos de congratulação a jovens que se distinguem no concelho em torneios e concursos e até recentemente por uma aparição televisiva na Praça da Alegria. O Rúben nunca foi contemplado, nem na sua Vila, nem no concelho. Sente-se magoado?

Claro que não. Nem penso nisto. Aliás, acho que é muito importante a câmara e a junta homenagearem jovens de talento da nossa terra que não sejam tão conhecidos, de forma a que os possam ajudar a ganhar dimensão também. Como compreenderá, não tenho esta necessidade. Um papel assinado por um autarca não fará diferença alguma na minha vida. A diferença na minha vida quem a faz sou eu, todos os dias, com provas dadas nacionalmente. Em jeito de brincadeira, e para finalizar, e se me permite, vou adulterar a célebre frase de Kennedy "não me perguntem o que a Ribeira Grande e os Açores podem fazer por mim, mas o que posso fazer pela Ribeira Grande e pelos Açores". Acho que a questão que aqui se coloca é exatamente esta: não é importante o que a autarquia ou a junta podem ou não fazer por mim em termos de "reconhecimento", mas o que eu posso e faço todos os dias por Rabo de Peixe, pela Ribeira Grande e pelos Açores em termos de reconhecimento cultural, gastronómico, etc. É apenas isto que me move, nada mais.



As camélias do Hotel Terra Nostra na objetiva de Osvaldo Janeiro



Audiência
RIBEIRA GRANDE

ASSINE JÁ

Agora o seu AUDIÊNCIA chega a todo o Mundo!

Recorte, preencha o cupão e envie para a morada abaixo indicada

DADOS PESSOAIS

Nome _____
Morada _____

Localidade _____ Código Postal _____
Telemóvel _____ Nº Contribuinte _____
Email _____

INDIQUE ABAIXO O TIPO DE ASSINATURA QUE PRETENDE

PORTUGAL - 12 meses - **45 €**
 ESTRANGEIRO - 12 meses - **100 €**

Pago por **TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA** o valor acima indicado
IBAN: PT50 0059 0014 2205 7500 0776 8

Pago por **CHQUE** o valor acima indicado à ordem de
ARG Comunicação, Ld[®]

ARG Comunicação, Ld[®]
Rua do Mourato, 20 - A
9600-224 Ribeira Seca RC - São Miguel - Açores

Frei Fernando Ventura sonha com a construção de um mundo sem senhores e sem escravos

“A Casa de Betânia é uma obra dos pobres, para os pobres”

Frei Fernando Ventura, franciscano capuchinho, nasceu em 1959, na freguesia da Senhora da Hora, em Matosinhos, e é um teólogo e biblista, que colabora, como tradutor, com diversos organismos internacionais e tem percorrido o mundo. A criação de consciências e de uma sociedade mais coesa e solidária são alguns dos sonhos deste frade, que revelou, em entrevista ao AUDIÊNCIA, que depois de tantas promessas de vários quadrantes, nunca cumpridas, a edificação do lar de idosos, Casa de Betânia, na Ilha do Príncipe, que é gerida por duas irmãs açorianas, a irmã Eufrosina e a irmã Maria da Conceição, está a concretizar-se graças aos pobres e vai traduzir-se num verdadeiro milagre.

Entrevista por Tânia Durães

Para quem não o conhece, quem é o Frei Fernando Ventura?

Eu sou um frade capuchinho. A minha forma de estar na vida, dentro da espiritualidade franciscana, dentro de uma congregação, e também por isso, tem-me permitido fazer tantas outras coisas, que de outra maneira não tinha conseguido concretizar. Eu não defino ninguém, nem me defino a mim por aquilo que faço. Eu defino-me por aquilo que sou e procuro ser, acima de tudo, um fazedor de pontes, alguém atento ao mundo e à sociedade onde estou e tentar fazer o meu melhor, para responder às necessidades que vou vendo, mas dentro das minhas possibilidades e tentando, isso sim, sempre, transmitir, acima de tudo, mensagens de esperança, mas, também, mensagens de responsabilidade e de responsabilização pessoal. O risco, às vezes, é de passarmos pela vida, ou deixarmos que a vida passe por nós, sem nós passarmos por ela. Esta atenção ao que se passa à minha volta, o comunicar e o agitar as águas, tantas vezes, não é, por nenhum motivo, pela agitação, mas para a criação de consciências. Eu estou muito convencido da verdade de uma expressão do Teilhard de Chardin, em que ele dizia que o processo de humanização é “um processo em espiral ascensional de complexidade de consciência” e isto é muito aquilo que eu tenho dificuldade em ver em tantos ambientes e em tantas formas de eu, hoje, ser



sociedade e de eu, hoje, pensar a sociedade. É uma sociedade complexa, mas há uma coisa que vai falhando, que é esta consciência e é a consciência que me leva, a mim, a sair de mim, que me leva, a mim, a perceber onde é que eu estou, para onde é que eu vou e o que é que eu ando aqui a fazer. E nós temos uma sociedade globalmente alienada. Alienada por questões marginais e essa alienação é alimentada, também, pela comunicação social, cuja qualidade, ou a falta dela em Portugal, tem a ver, também, com quem a consome. Nós queixamo-nos que as nossas televisões, sobretudo em sinal aberto, não fazem mais do que falar de futebol e novelas e é verdade, porque é isso o que o público consome e ninguém tem coragem de fazer outras propostas, porque a realidade, desde logo, é que os grupos económicos que estão por trás dos grupos comunicacionais, que têm as suas agendas políticas, ideológicas e sociológicas, também, não deixam muito espaço de manobra. Portanto, um tipo de informação diferente é um risco de fechar a porta, porque os clientes não veem.

Nós temos esta tendência, por isso é que eu digo que este abaixamento da qualidade e do grau de consciência é o que nos impede de construirmos um tipo de sociedade diferente. Nós estamos alienados, porque estamos alienados e deixamo-nos alienar, porque não temos coragem de nos situarmos no nosso espaço e no nosso tempo e de percebermos aquilo que passa à nossa volta. Eu não me considero ninguém especial, absolutamente nada, e tive a sorte ou o azar, neste sentido, de, a dada altura, ter tido acesso aos meios de comunicação social e de ter recebido palmas, que eu não mereço. Eu tenho a alegria de ter encontrado, ao longo de mais de 30 anos, durante todas as atividades em que eu estou envolvido, imensa gente, com quem, em conjunto, intervemos, realmente, na sociedade onde estávamos e no espaço onde estávamos. Eu digo que tenho quatro licenciaturas e que duas delas não são de papel passado, mas são as duas que me fazem mais falta, as que eu não tenho nenhum diploma. Eu estou a falar da minha passagem de três anos, absolutamente fantásti-

ca, na Baixa da Banheira, com tanta gente que, felizmente, consegui agregar à minha volta e, ainda hoje, continuo no projeto de resposta, de atenção e de promoção das realidades de menos qualidade de vida, de menos qualidade económica da vida das pessoas. E a outra licenciatura é, sem dúvida, os oito anos que eu trabalhei, e tive o prazer de trabalhar, na Comunidade Vida e Paz, onde estão toxicodependentes, alcoólicos e sem-abrigo, em Fátima. Eu fui capelão nesta estrutura durante oito anos e foi lá que eu aprendi o outro lado da vida e toquei no outro lado da vida. Por isso, estas duas realidades, a Baixa da Banheira e Vale da Amoreira e a Comunidade Vida e Paz, marcam, significativamente, a minha forma de estar, a minha forma de estar com a vida, a minha forma de estar com os outros e, se quiser, a minha forma de fazer pastoral. Eu aprendi muito sobre solidariedade, aprendi muito sobre a humildade de reconhecer que todos os dias precisamos de nos perdoar a nós próprios, para podermos perdoar os outros, sobre o facto de precisarmos de procurar relações de equilíbrio connosco, para podermos ter relações equilibradas com os outros, sobre assumirmos as nossas dificuldades e sobre aceitarmos os outros naquilo que eles são, como são e caminharmos com eles, sem paternalismos e sem tolerâncias. Eu odeio a palavra tolerância e odeio este modismo da tolerância e de que tudo tem de ser tolerado e de que os outros devem ser tolerados. A tolerância pode ser uma grandíssima falta de respeito pelo outro. Eu posso tolerar uma dor de cabeça, uma dor de dentes porque tenho de o fazer, mas se eu disser a alguém “eu tolero-te”, eu estou a diminuir o outro, dizendo-lhe que “eu sou superior a ti e tolero-te ao pé de mim”. Por isso, eu não quero tolerância. Eu quero respeito entre as pessoas, quero respeito pelas diferenças e o respeito é exatamente isso, é um caminho de dois sentidos, em que tanto eu, como o outro, nenhum de nós se considera o centro da história, ou o umbigo do mundo, mas todos nos vemos a partir da nossa humanidade, que é capaz das coisas mais fantásticas e capaz das maiores badalhoquices, como qualquer um de nós, sem exceção.

Falou em sociedade, em respeito, em humanidade e sobre uma vontade de criar consciências. Posto isto, qual é a sua missão e quais são os seus objetivos?

Se eu quisesse um slogan jornalístico eu diria que, não quero acabar com os ricos, quero acabar é com os pobres. Eu quero acabar com esta realidade. Eu sei que é utópico, mas é pela uteopia que o mundo avança. Eu tenho vivido muitos momentos, muitos meses da minha vida, em situações de luxo e em situações de lixo e eu já disse isso, mesmo, em relação ao nosso país. Eu não estou a falar em país nenhum em concreto, as clivagens e as diferenças são mais gritantes, obviamente, noutras realidades, mas nenhum rei tem o direito de beber champanhe, quando o povo só pode beber água choca e este é o desconcerto. Já Camões falava no desconcerto do mundo e são estes desconcertos diante dos quais nós vivemos anestesiados e, com facilidade, atiramos a culpa e a responsabilidade, ou para a autoridade superior, pois nós, nisso, temos complexos de Édipo muito mal resolvidos, nós portugueses, somos marcionistas ainda por cima, uma vez que há de vir, sempre, alguém numa manhã de nevoeiro, que vai resolver as nossas dificuldades. Nós somos um povo capaz de gestos fantásticos e de solidariedade, no momento da emoção. Nós somos emotivos, ativos e primários e no momento da emoção e no momento da catástrofe nós respondemos de uma maneira absolutamente avassaladora, deduzo eu, mas, depois, não temos a capacidade da continuidade e isto passasse em tudo. Nós temos agitações, efervescências sociais, enfim, em tempos de campanhas eleitorais, mas, depois, deixamos o Governo à solta e deixamos pacificamente. Nós somos capazes de vociferar e ameaçar de morte o árbitro que, na nossa leitura, prejudicou a nossa equipa e ficamos a latir em matilha, mas, depois, somos gatos mansinhos, quando vamos vendo os nossos dinheiros serem mal gastos e desviados para situações que não servem tantas vezes mais, do que para garantir o status quo da situação, porque temos sempre muito medo de nos mexermos. Como exemplo temos a imagem da piscina de água choca, pois estava tudo lá dentro e cada vez que entrava alguém, todos gritavam "não faças ondas" e às vezes dá essa sensação no nosso país e em tantos outros. Há muito pouca gente que se atreve a fazer ondas, porque de alguma maneira, o "nós", coletivo, tem vindo a ser desmontado e, também, organizadamente, na criação de uma



consciência grupal, de um pequeno grupo, que, em última análise, só serve quando grita eu sozinho, por isso é o dividir para reinar e isto não constrói um tecido social, não mobiliza as pessoas, já de si desmotivadas para esta falta de consciência do "nós", para esta falta de consciência do coletivo que nós temos, de facto. O mundo que é hoje, este chamado mundo ocidental ou mundo civilizado, que é uma coisa que eu nunca percebi muito bem, porque é que se chama mundo civilizado, como se o outro não fosse. A pulverização do "eu" e a massificação das depressões solitárias, que vão criando capas, que vão criando resistências, também, ao serem respostas a situações, que mereceriam e teriam necessidade de terem respostas coletivas, também, porque, infelizmente, muitas das entidades que deveriam ser bandeira de seriedade, dentro do campo da solidariedade e da resposta social

são, outra vez, bandos de malfeiteiros organizados a viver à conta dos pobres, porque os pobres dão de comer a minha gente e enfeitam que se fartam, até campanhas eleitorais, desde as eleições presidenciais, até às eleições autárquicas, nas quais temos os pobrezinhos do regime, os pobrezinhos de serviço, que são levados e que são usados e que são apresentados como bandeiras e isto mete-me nojo, parece-me mal e porco.

No seguimento do que referiu anteriormente, o que é que poderia ser feito, para transformar a sociedade e o mundo, num lugar melhor?

A formação faz-se do berço. Nós educamos as nossas crianças, também, dentro de um mundo, contra o qual eu tenho lutado. Um mundo muito de dizer que a nossa liberdade termina, quando começa a do outro e no qual estamos a criar o outro como barreira, ou eu estou a ser barreira para a liberdade de alguém. Nós não os educamos para o ser social e ser societário, na consciência de que a liberdade do outro alarga o meu espaço de liberdade e a minha liberdade alarga o espaço da liberdade do outro, só se formos capazes de nos juntarmos. Eu tenho dito isto muitas vezes, desde às crianças pequenas, falamos da pré-primária, se quiser, porque a educação ou a deformação vem, desde logo, por causa do jogo, que é a atividade mais importante das crianças. O jogo diz-se como ir contra alguém, porque eu tenho de ganhar ao outro e o objetivo não é jogar por jogar, não é o divertimento, ou o gozo que eu provo pela atividade e por estar com o outro, não, eu tenho aquela atividade, que até me pode dar gozo, mas eu tenho de levar aquela atividade até ao fim, contra alguém, e isto começa a destruturar desde o início. O outro que está comigo é alguém que eu tenho de superar e temos exemplos, depois, das caricaturas disto mais tarde, nas filas de supermercado, nas filas do autocarro, no estar em grupo, porque eu tenho de estar sempre à frente do outro, eu crio uma cultura do vencedor sobre o outro. E a vida não é assim. A vida é feita de ganhos e perdas. Numa relação, em qualquer tipo de relação, em que não é uma relação ganhador-ganhador não funciona, há sempre um dos parceiros que está a ser abusado, há sempre um dos parceiros que está a ser esmagado e vilipendiado. Então, a construção social constrói-se por

aqui, constrói-se, logo, desde o início, aprendendo a ser com e não aprendendo a ser mais do que e a responsabilidade, também, do que é coletivo. Eu estou-me a lembrar, por exemplo, do Japão. O Japão não é uma sociedade perfeita, não há sociedades perfeitas, a quantidade de suicídios no Japão é absolutamente avassaladora, mas as crianças na escola, no Japão, por exemplo, são elas que limpam as casas de banho, são elas que limpam a escola, são elas que limpam o seu espaço e é uma forma de criar responsabilidade pelo espaço que é de todos. Infelizmente, quando as imagens do último tsunami complicado e avassalador em Fukushima, o cataclismo que foi, em termos de número de mortos, em termos de tudo, correram o mundo, devem recordar-se da serenidade das pessoas, que faziam fila para aceder à água. Eu não estava a imaginar, de todo, as filas organizadas e cada um com o seu bidão, ou os seus bidões à espera, serenamente, da sua vez, porque outros chegaram antes, porque estavam numa situação em que todos precisavam de todos. A grande aposta, e isto é dito e vale para todos, na construção de uma sociedade, não é um partido político ou uma loja maçónica que está no poder em vez de argumento, o grande investimento que qualquer país pode fazer e tem de fazer é na educação. Nós temos uma educação abandonada, temos o ambiente que temos nas nossas escolas, porque é preciso que o regime apareça como vitorioso, também, a custo da criação e vamos criar gerações de analfabetos, pelo menos de analfabetos funcionais, se não houver uma ingressão, desde logo, da forma como as nossas crianças são acompanhadas no seu crescimento escolar. Temos uma educação montada a partir de Lisboa, montada a partir dos gabinetes, montada a partir de papéis e que não passa pela realidade e não passa por ouvir as escolas no seu contexto real, social e as necessidades que têm. Uma escola que não responde, na maior parte dos casos, à necessidade dos alunos, responde a um programa, responde a programas políticos, responde a programas de formação social, mas dentro de um ambiente que, cada vez mais, será de abandono e no qual, cada vez mais, quem pode não cai na asneira de dar aulas, não cai na asneira de se inserir no ambiente de desgaste rápido e sem resultados, onde o seu trabalho



não é reconhecido e onde o ambiente é mais de conflito, do que de harmonia. E o que se passa nas escolas é válido, também, para o que se passa em termos das nossas polícias, é válido para o que se passa em termos dos nossos hospitais e dos nossos centros de saúde e do sistema de saúde em Portugal, pois é um bocado esta bandalheira, que se vai instalando a partir de cima, a partir de cabeças que pensam, que pensam e que não ouvem a base, não ouvem o real, nem as pessoas e vivem com números e com estatísticas.

Qual é a sua perspetiva sobre o futuro da sociedade?

Eu estou totalmente otimista, apesar de muitas vezes não parecer. Eu tenho sempre esperança e é uma coisa que eu não deixo morrer, não por estupidez, pois eu costumo dizer que eu gosto de ser um otimista, ou um pessimista informado. A conjuntura global aponta para novos focos de conflito e agitações que, oxalá, não levem a um conflito mundial. A economia começa a dar sinais de entrar em ciclo de recessão, a economia é uma espécie de linha ondulatória cíclica, onde há períodos de crescimento e períodos de depressão. O que tem estado a mudar, e rapidamente, tem sido a amplitude, ou o tempo de duração dos ciclos. O futuro próximo será um ciclo de recessão, será, outra vez, um ciclo ao qual se seguirá a necessidade de outro ciclo de crescimento. Com estes altos e baixos, oxalá, possamos aprender e que o futuro nos ensine a fazer contas à vida, neste sentido, percebendo que sempre que há um ciclo de crescimento, a seguir virá outro ciclo de recessão e não fazer aquilo que se vê em Portugal e outros países, esta espécie de otimismo bacoco, que de novo está a levar as pessoas ao endividamento, ao crédito, de novo à economia montada no crédito fácil, porque em Portugal temos um Presidente da República que bate palmas, basicamente, a tudo, tirando retratos e espalha-se o riso, porque tem esta espécie de cumplicidade, enfim, não querendo fazer ondas, também eu, e ajuda a passar esta mensagem, do regime das maravilhas e da abundância e nós não estamos no país das maravilhas, até porque a Alice já foi embora há muito tempo.

O Frei está a desenvolver inúmeros projetos, nomeadamente em São Tomé e Príncipe e em Cabo Verde. O que o conduziu a estes locais?

Foi a vida. A minha ocupação principal, em termos de horas de trabalho útil, por ano, é fazer tradução simultânea, é isso o que eu faço. Eu trabalho para o Vaticano, trabalho para a Ordem dos Capuchinhos, trabalho para a Ordem Franciscana Secular e para outras entidades e isto fez-me percorrer o mundo, literalmente. Aliás, a TAP há sensivelmente três anos enviou-me as estatísticas dos voos meus registados,

que já correspondiam a 17 voltas ao mundo, porém, até agora, já devo ter dado mais algumas. Eu posso dizer-lhe que este contacto que eu tenho com tantas realidades e com tantos lugares, foi-me, outra vez, questionando. O que é que, eu, cidadão, posso fazer nestes contextos? Eu, sozinho, não posso fazer absolutamente nada, mas posso convidar pessoas para, juntos, fazermos coisas. Eu tenho a felicidade de estar próximo dos decisores da minha Ordem, em Roma, e daquele que é o nosso grupo de trabalho de solidariedade internacional e São Tomé surgiu por acaso. Eu fui a São Tomé a convite do Bispo, aliás eu fiz-me convidado e foi há 10 anos. Em janeiro, de há 10 anos, eu percebi que duas coisas grandes que eu tinha de fazer em fevereiro tinham sido adiadas e eu estava sem trabalho. Eu ainda não estive na Guiné-Bissau, mas já estive nos outros Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) todos, e o primeiro contacto que me apareceu foi o do Bispo de São Tomé, então eu escrevi-lhe um e-mail e disse quem era, que tinha milhas da TAP para gastar e que estava à disposição se ele precisasse dos meus serviços de formação bíblica. Acontece que passada meia hora já tinha a resposta, "anda já amanhã" e, depois, só quando eu cheguei, passadas duas semanas, ou um pouco mais, é que eu percebi, que eu não sabia que o Dom Manuel era Bispo. Nós tínhamos trabalhado juntos na Diocese de Setúbal e ele sabia quem eu era, mas eu não sabia, sequer, que ele tinha sido feito Bispo e estava em São Tomé. Foi simpático o nosso reencontro no aeroporto e, na noite

em que eu cheguei, estávamos no final do jantar e ele diz-me que estava em pânico, porque tinha leite para três semanas no orfanato. Na altura, ele estava lá há muito pouco tempo, ainda, como Bispo e estava a organizar as coisas, etc. e foi a partir deste desabafo dele, que o projeto nasceu e em conversa saiu a ideia de criarmos um Banco de Leite. Nós costumamos dizer, a brincar, que fundamos um Banco de Leite numa noite de copos, porque estávamos os dois com um copo de água na mão, cada um, porque estava um calor daqueles de fazer derreter pedras, em fevereiro, em São Tomé, e aí nasceu o Banco de Leite. Eu terminei o trabalho e nos primeiros dias a seguir ao meu regresso, eu tive várias aparições na televisão, nas quais falei disto. Na altura, o Jornal Expresso fez um trabalho comigo na Revista Única sobre isto e eu cheguei ao final de fevereiro e já tinha leite até dezembro. A partir daqui foram-se gerando outras sinergias e foram chegando outras pessoas. Eu digo sempre que o Banco de Leite de São Tomé é filho de São Miguel, porque três fábricas de leite dos Açores, desde o primeiro momento, alimentam praticamente a 100 por cento o orfanato. Entretanto, também conseguimos construir um orfanato novo, graças à intervenção do anterior Governo e da cooperação internacional e agora temos uma estrutura que significa Portugal, em São Tomé e que foi evoluindo, porque nós fomos juntando outras boas vontades. O Banco de Leite de São Tomé é uma aventura, mas é aventura complicada, porque em termos de necessidades, são grandes. O Banco de Leite está associado

e geminado, absolutamente, com uma associação que nasceu a partir de uma oferta de ajuda ao Banco de Leite, que é a Associação Amparo da Criança, que tem sede na Vila da Feira e temos estatuto de IPSS, temos atuação em Portugal e atuação no estrangeiro, neste caso, em São Tomé e aquilo que nós fazemos é fornecer leite em pó, para o Projeto para o Desenvolvimento Integrado de Lembá (PDIL), que é um outro projeto de economia social, que tem mais de 20 anos, funciona e nós apoiamos esta estrutura. Nós avançamos para o Príncipe há 5 anos e queríamos avançar para a Guiné-Bissau, porque há um número enorme de entidades que colaboram aqui, mas, entretanto, não se pode tapar um sítio, destapando o outro e São Tomé estava por cumprir, porque uma ONG que estava no Príncipe fugiu e abandonou as crianças e os idosos, ficando, apenas, toda a estrutura que havia, que estava criada e que era uma casa bem-feita para as crianças e para os órfãos e os mais isolados da família, os mais abandonados. A Casa está feita, tem boas condições, mas foi abandonada, está em fase de reestruturação e o lar dos idosos nunca foi terminado, ou melhor, nunca foi feito de novo, pois o que lá está é uma estrutura em madeira, que está muito pintadinha, que está muito bonita, mas está podre. O clima é o que é, é um clima muito húmido, muito forte e temos de construir outra casa, a Casa de Betânia e é uma luta que já vem de há 3 anos. O senhor Presidente da República, o nosso, quando lá esteve, prometeu ajudar na construção da casa, mas, apesar das duas vezes nas quais estive com ele, nunca consegui que houvesse uma abertura da parte dele, apenas houve a promessa e ficou lá. Todos os idosos com quem ele falou já faleceram nestes 3 anos e temos outros a precisarem, obviamente, da Casa de Betânia. A Casa de Betânia é uma obra dos pobres, para os pobres. Nós começamos as obras em março de 2020, mas estiveram interrompidas durante quase um ano, por causa da pandemia e ainda não reunimos todo o dinheiro necessário, mas temos fé, temos duas empresas locais, de São Tomé que estão, também, a ajudar, mas as grandes entidades portuguesas, que foram chegando e que foram oferecendo ajuda etc., não sei porquê, mas foram-se arrependendo e depois de acolhimentos de quase de passadeira vermelha, o que se seguia era o silêncio. E isto é a prova daquilo que eu digo, as revoluções fazem-se por baixo, são os pobres que ajudam os pobres. O Banco de Leite também está associado em Cabo Verde, aliás são várias as entidades que estão associadas, por exemplo, nós estamos com o Mundo a Sorri, que é uma ONG nascida no Porto, de jovens dentistas, que já estava em Cabo Verde quando nós lá chegamos e fui eu que levei a Mundo a Sorri para São Tomé, tam-



bém eram eles que já estavam na Guiné-Bissau e também estão, cá, em Portugal. Também, em Cabo Verde estamos em união com a Associação Sinergia, que tem sede em Braga, através da qual enviamos material escolar, desportivo, porque o tipo de atividade é outro e estamos a fazer um trabalho muito bonito de formação, para explicar em palavras pobrezinhas, isto é muito redutor, mas o que nós criamos na Ilha de Santo Antão, na cidade de Porto Novo, foi um ATL, que junta crianças e idosos, porque é um tipo de sociedade na qual a população numericamente ou percentualmente maior são as franjas, a Ilha tem as dificuldades que tem, as pessoas que podem trabalhar, têm Mindelo do outro lado do mar, portanto há muitos idosos e muitas crianças que ficam na Ilha e é com estes que nós temos feito muita coisa, já há 4 anos. Nos três últimos anos, a atividade daquele ano tem terminado no mês de agosto, com um festival de rua, com música, teatro, pintura, dança, tudo isso, e é esta a alegria de fazer acontecer numa comunidade.

Em que consiste o Projeto para o Desenvolvimento Integrado de Lembá (PDIL)? Qual é a relevância desta resposta a inúmeros problemas sociais?
 O Projeto para o Desenvolvimento Integrado de Lembá tem 20 anos de história e tem uma heroína, à frente, que se chama Lúcia Cândido, uma irmã franciscana, que conseguiu, felizmente, durante estes 20 anos, agregar à sua volta, um conjunto de entidades, sendo que uma das mais importantes e com quem temos uma relação muito próxima, nós, Banco de Leite, é a Paróquia da Carregosa, aqui na Diocese do Porto, entre outras entidades que, sobretudo, têm percebido a seriedade do projeto. O PDIL é uma referência da economia social bem-feita, porque as mais-valias criadas no projeto, que visa, principalmente, dar trabalho às pessoas locais, são reinvestidas no mesmo. Neste momento, se não me falha a memória, são mais de 180 pessoas que têm o seu ganha-pão ali e as mais-valias são reinvestidas, não há entidades terceiras a ganhar, ou a usufruir dos lucros. No Príncipe, nós estamos há menos tempo e temos esta necessidade da construção da Casa de Betânia, para podermos libertar verbas, para fazermos outro tipo de intervenção e de apoios. Nós estamos a falar, obviamente, de apoio a nível escolar, a nível desportivo, aquilo que faz, também, especialmente, crescer as crianças, sendo que, obviamente, existem entidades a trabalhar no Príncipe, nós não somos os salvadores da pátria e não vamos resolver os problemas todos do Príncipe, não, nós queremos estar, ali, como estamos em todos os outros sítios, em colaboração e em sinergia, lá está, a palavra técnica da Associação Sinergia, com quem trabalhamos em conjunto e que, também,



já está no Príncipe há 4 anos. O descobrir de que sozinhos fazemos muito pouco e de que todos juntos podemos fazer muito, é a mensagem que nós temos passado em todos os sítios, nos quais nós estamos a trabalhar. Nós não nos consideramos os reis do bairro, nem pouco, nem mais ou menos, mas desafiamos, convidamos sempre e temos tido resposta positiva das entidades que já estão no terreno, para, com elas, procurarmos soluções.

O Banco de Leite nasceu em São Tomé e, posteriormente, expandiu-se para o Príncipe. De que forma é que esta IPSS dá resposta ao problema da carência alimentar e escassez de recursos no âmbito infantil?

O Banco de Leite nasceu em São Tomé e é o Banco de Leite é de São Tomé e Príncipe. A atividade do Banco de Leite, em São Tomé, está centrada, essencialmente, em duas entidades, desde logo a Cáritas Diocesana, que é da responsabilidade do Bispo que se ocupa da logística e da distribuição, pois estamos a falar de um território pequeno. Nós temos, se quiser explicar desta forma, um armazém na Cáritas Diocesana, na capital, e um armazém no Projeto de Lembá, nas Neves, mas todas as entidades e as pessoas sabem qual é porta onde devem bater, porque nós não estamos em exclusivo, ou seja, nós respondemos às necessidades que nos reportam. No Príncipe, por exemplo, o grande braço direito da atividade do Banco de Leite são, desde logo, duas irmãs, de quase 80 anos, que são duas heroínas açorianas, da Ilha de São Miguel, mas são duas meninas de 20 anos, com a genica que têm, que só de as vermos trabalhar já ficamos cansados, não só pela quantidade de trabalho que fazem e pelas respostas que dão, mas, sobretudo, pela alegria, pois eu nunca vi aquelas senhoras zangadas. As duas heroínas da Ilha do Príncipe, a irmã Eufrosina e irmã Maria da Conceição, uma é do Nordeste e a outra é da Ribeira Grande, estão lá há muitos anos, são a autoridade moral, não só da Ilha, e

têm feito um trabalho genial, juntamente com os escuteiros que lá estão, os grupos de jovens que existem na paróquia e outros grupos de jovens de outras comunidades, também, religiosas que lá estão. Depois é isto, é criar espírito de corpo e cada um ao seu jeito, dentro do seu espaço e dentro da sua liberdade de ser responde àquilo que pode e, todos juntos, fazemos milagres. O milagre grande agora é a Casa de Betânia, que eu anseio ver no ar. No Príncipe, nós temos uma estrutura ligeiramente diferente, até por causa da logística. Nós temos uma conta corrente em Portugal, numa empresa de distribuição de mercearia e de produtos de consumo, que tem uma loja no Príncipe e nós depositamos o dinheiro, aqui, em Portugal e as irmãs levantam lá as coisas de que precisam. Nós temos, também, o envio regular de dinheiro, porque as pessoas não comem só produtos de mercearia. Nós, sobretudo, estamos a falar de pessoas que são atendidas pelas irmãs, que são atendidas a partir da cozinha comum e do refeitório comum e, a partir daí, nós, também, enviamos dinheiro para lá, o que não impede isso, com alguma regularidade, que façamos chegar, também, o mesmo tipo de produtos que fazemos chegar a São Tomé. A logística não é tão fácil e as necessidades também são completamente diferentes, porque enquanto no Príncipe nós estamos a falar de uma realidade que terá à volta de 8 mil habitantes, São Tomé é gigantesco. Portanto, no Príncipe são as irmãs que gerem, e gerem muito bem, as necessidades das respostas que têm para dar e sempre que há uma necessidade, avisam-nos e nós temos facilidade, felizmente, no envio de mercadorias, que é das coisas que eu tenho mais a agradecer, porque, principalmente, são três as entidades que nos garantem um transporte de mercadorias para São Tomé, gratuitamente, pois seria impossível mantermos isto sem o apoio no transporte, porque o transporte para África, sobretudo para São Tomé, porque, também, como não existe um porto de águas profundas, os cargueiros têm de ficar ao largo e a mercadoria é descarregada para barcaças, chega a São Tomé e tem de passar pela Alfândega, obviamente, e depois, ainda, tem de ir para o Príncipe, portanto são várias passagens que encarecem sempre movimentação de cargas e dificuldades logísticas. Relativamente ao Banco do Leite, nós estamos a falar de leite em pó e nós precisamos muito e temos muita aflição com os leites de substituição do leite materno, porque culturalmente, em África, temos mães muito jovens, e estou a falar de meninas de 13 e 14 anos, em algumas situações, que, por motivos vários, não conseguem amamentar os filhos. Portanto, é preciso leite de substituição, até que a criança possa tomar o leite normal. Estes leites de substituição es-

tão, sempre, em falta e nós estamos sempre a correr atrás do prejuízo. Não tem havido ruturas, de alguém ou alguma criança ficar sem leite, daquelas que nós podemos ter conhecimento, porque nós não temos a pretensão de conhecer todos os casos que existem no país, mas as pessoas sabem que nós estamos nas Neves, as pessoas sabem que, ali, podem recorrer e a Ilha não é assim tão grande. Portanto, não tenho tido notícia, pelo menos nos últimos anos, de uma criança que tenha sentido necessidade de leite de substituição e que não tenha tido disponível e dizemos isto com naturalidade, não é com nenhuma vaidade, como se nós é que somos os santos, não, nós estamos, só, a fazer o que nos toca fazer e não acusamos ninguém, não estamos contra ninguém, estamos simplesmente a fazer o que tem de ser feito, seja ali, seja onde for, porque onde há pobres e onde há pessoas com necessidades não há fronteiras. A comunidade nasceu sem fronteiras, nós é que inventamos as fronteiras e as barreiras e vamo-nos fechando por trás dos nossos portões. Neste momento, a urgência maior é, obviamente, a Casa de Betânia, que está nas condições em que está e nesta realidade do Príncipe, o Banco de Leite está sozinho, mas acompanhado de milhares de boas vontades.

O Frei Fernando Ventura falou sobre duas irmãs açorianas, que gerem a Casa de Betânia, infraestrutura que tem um papel muito importante, principalmente no que respeita à terceira idade, que está degradada e que você anseia ver construída. Qual é a relevância do papel destas heroínas da Ilha do Príncipe?

É absolutamente central. Eu não saberia dizer melhor. Estas duas senhoras, com toda a generosidade com que têm servido a população do Príncipe, ganharam, para si, mais um estatuto de referência moral, de referência relacional, de referência de carinho e de referência de consciência e de todo o espectro que a sociedade do Príncipe tem, em que havendo necessidade de alguma coisa, pelo menos, vai bater à porta das irmãs e elas quando não têm solução, vão procurá-la. E é esta centralidade, esta autoridade e é isto o que eu aprecio nestas irmãs e em tantas outras realidades que eu conheço, é uma autoridade, que não se conquista pela força, que não se conquista pelo poder económico, mas que se conquis-

ta pelo serviço. Quantas vezes as pessoas que lá vão, não vão pedir nada, vão simplesmente falar e vão estar ali. As irmãs funcionam, também como um ponto de referência, porque elas não são só aquelas que distribuem, são aquelas que, também, recebem dos pobres da ilha e de pessoas que têm as suas pequenas roças, os seus quintais e que, sempre e quando podem, levam produtos às irmãs, porque sabem que, ali, outras pessoas que, naquele momento, estarão a ter mais dificuldades vão beneficiar. Portanto, funciona como um centro de recolha e distribuição de bens essenciais, mas que se faz com uma naturalidade natural, de quem partilha a vida. Não existe nem soberba da parte de quem dá, nem vergonha da parte de quem recebe, pelo que é um relacionamento saudável e normal de uma comunidade de gente, que sabe que depende, essencialmente, de si própria, das suas relações e que aprendeu a partilhar o que tem. As irmãs, porque são uma referência moral de seriedade e de atenção ao outro, funcionam como um centro da autoridade moral da Ilha, uma autoridade conquistada pelo serviço e não pelo poder. A Casa de Betânia é gerida por elas e muito bem, mas voltamos à situação da Casa, que é muito antiga, em madeira e o clima é muito forte a nível de temperatura e de humidade. À parte da casa, que está quase a ameaçar ruína, nós temos, sobretudo, espaços muito exímios. Também, temos pessoas nas suas casas, que são atendidas pelas irmãs, que são acompanhadas pelos escuteiros, que são acompanhados por outras pessoas de boa vontade, numa rede de relações que funciona, mas que teria muito mais condições, até de mobilidade, numa estrutura pensada, por exemplo, os chuveiros que temos

nas casas de banho, enfim, são espaçosos para uma pessoa normal, mas não para alguém que já precisa de ser ajudada ou de uma cadeira de rodas e não é possível continuar muito mais tempo com a Casa de Betânia como está. A gerência é da responsabilidade das irmãs e os idosos são acompanhados 24 horas por dia, por duas senhoras, mãe e filha, que são outras duas pernas que ali temos. Qualquer pessoa pode lá ir a qualquer hora dia, porque a Casa está, sempre, imaculadamente limpa e arrumada, não há maus cheiros, as pessoas estão bem atendidas e estão numa situação de conforto, que precisa de ser aumentado, neste momento, porque a estrutura já não responde às necessidades. Nós já lançamos a primeira pedra da Casa de Betânia, cuja construção foi orçada em 317 mil euros, 100 mil euros mais caro, do que seria se fosse construída em São Tomé, mas isso tem a ver com a logística, tem a ver com o facto de tudo o que chega ao Príncipe tem de ser transportado de barco e é uma logística brutal. Nós, neste momento, líquidos, garantidamente, na nossa mão, temos cerca de 181 mil euros e que vai sendo acrescentando aos pouquinhas, todos os dias. Todas as ofertas são registadas e publicadas, porque quem dá um euro ou quem dá um milhão de euros, tem exatamente o mesmo direito de saber para onde foi o seu dinheiro. O que chega para a Casa de Betânia é canalizado para a Casa de Betânia, o que vem para o Banco de Leite é canalizado para o Banco de Leite e, até agora, nunca tivemos falhas.

Quais são os seus maiores sonhos?

Eu vou sonhando um de cada vez, mas o sonho maior, e eu acho que é o de todos os que estamos e damos a cara por este tipo de projetos, é que

o nosso trabalho seja útil e chegarmos ao momento em que não seja preciso fazer nada disto. Enquanto formos necessários, vamos fazendo e vamos estando e, aqui, volto a repetir esta ideia. Há duas coisas que eu não suporto, uma é ver os pobres a dar de comer a tanto sacana, a outra é ver tanto sacana a aproveitar-se dos pobres para se enfeitar. O sonho que eu tenho é este sonho de sentir, ou de perceber este tipo de atividade, não por alguma coisa que vem de outro mundo, mas por alguma coisa que é tão natural, como a nossa existência, como pessoas, como seres humanos, porque a atenção ao outro, é só isso. O meu sonho é que o mundo fosse como o meu bairro era, porque todos nós éramos filhos do bairro, todos nós tínhamos a liberdade, livre, de podermos entrar na casa uns dos outros e aquilo era o que eu chamo de coscuvilhice pró-ativa, ou seja, toda a gente sabia da vida de toda a gente, porque era uma comunidade pequenina, mas claro que se fazia algum serrote, como se costuma dizer aqui, e o facto de eu saber a vida do outro e saber as necessidades do outro fazia com que, sem ser preciso o hipocritamente correto "se for preciso alguma coisa diga", nós fossemos lá mesmo, porque não havia uma regra escrita. Por exemplo, as casas eram geminadas duas a duas, com quintal e jardim e não havia nenhuma regra escrita, mas se a dona de uma das casas ficasse doente a vizinha da casa geminada ia imediatamente para lá, sem perguntar se fazia falta, porque é claro que fazia falta, então, toda a gente ia. Era um bairro sem peneiras, éramos todos pobres e todos tínhamos consciência disso e todos tínhamos consciência de que o vizinho do lado, o vizinho da frente, ou o que fosse, precisava de nós, como nós podíamos precisar dele e é este o meu sonho, não há mais do que isto. É este sonho da construção de um mundo, desde logo, sem senhores e sem escravos, é complicado, e, sobretudo, sem gente que tem a mania que tem Deus na barriga, ou que tem o rei na barriga. Nós temos muita gente inchada de Deus, mas aquilo é só gazes e temos muita gente que tem a mania que tem o rei na barriga, mas não sabe que um dia a coroa há de sair por algum lado e ela há de sair. O importante é que os danos colaterais não sejam muitos e, sobretudo, que não sejam sempre os mesmos a pagar a fatura das elucubrações, ou dos arrotos de abundância de quem vive, como se tivesse Deus na barriga.



2021 abre com o IV Concurso da Francesinha

Qual a mais tradicional e a mais criativa?

Dois troféus em disputa!

A Ribeira Grande, nos Açores, espera por si!



IV

CONCURSO
DA FRANCESINHA

INSCRIÇÕES:
937 962 972
939 678 173



CAIXA
ECONÓMICA
DA MISERICÓRDIA
DE ANGRA DO HEROÍSMO



SOLUÇÕES EMPRESARIAIS

DAMOS CRÉDITO ÀS BOAS IDEIAS!

SOMOS A CAIXA DOS AÇORES
Informe-se em www.cemah.pt